

A MÁQUINA DE RICARDO PIGLIA: O CADÁVER QUE SE AFIRMA COMO OBJETO ALEGÓRICO

Katiuscia Corrêa Ricardo (UEMS)

katu_cr@hotmail.com

Susilene Araujo (UEMS)

A proposta desse trabalho consiste na análise da obra *A Cidade Ausente* (1992) de Ricardo Piglia, tomando como ponto de partida, a alegoria. O objeto alegórico analisado aqui se instaura na obra não por um recurso a um sentido abstrato, e sim na materialidade de uma inscrição. A forma original da alegoria toma corpo através da personagem narradora “máquina”, mantendo uma relação muito forte com um mundo abandonado e que não se rendeu, todavia, ao esquecimento. Esse lugar Do qual falamos é Bueno Aires. O que está em jogo na ficção de Piglia é uma emblematização do “cadáver” de Elena que paralisa o tempo, afirmando-se como objeto alegórico por excelência. Pois o corpo que começa a se decompor remete inevitavelmente a essa fascinação com as possibilidades significativas da ruína que categorizam a alegoria. Portanto, nosso interesse caminha na direção de entender como o “luto”, desencadeia o processo de superação da perda no qual a separação entre o eu (Macedônio Fernández) e o objeto perdido (Elena Obieta) ainda pode ser levado a cabo, enquanto que, na melancolia, a identificação com o objeto perdido chega a um extremo no qual o próprio eu é envolvido e convertido em parte da perda.